

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Rorantim

Class.: 581

Data: 05/87

Pg.: 16

### LORETTA EMIRI:

# Uma viagem à consciência do "civilizado"

Que tipo de sociedade se oferece aos Yanomami, última etnia que ainda vive praticamente isolada no Brasil, em áreas do Território Federal de Roraima e do Estado do Amazonas, quando se fala em "integrá-los", "aculturá-los", "civilizá-los"? Aquela (a nossa) que não aceita o diferente e ao mesmo tempo não consegue absorvê-lo? Loretta Emiri, missionária que viveu entre os Yanomami e continua trabalhando a serviço desse povo, coloca frente a frente as duas sociedades — a nossa e a deles — comparando situações parecidas. Da leitura vem a pergunta: qual sociedade é mesmo "primitiva" e qual é "civilizada"?

Tinha acabado de voltar a Boa Vista (RR). De manhã cedo, passei perto do coreto: uma mulher loira e seu filho lá dormiam, deitados no chão. Enquanto os contemplava, eles se levantaram: ela, bonita e suja, com roupa esfarrapada, meio hippy, eu pensei; ele, pequeno e frágil. Ela ia na frente, cambaleando. O menino ia atrás, chorando pacatamente, andando devagar e querendo parar. De vez em quando, ela parava para esperar o menino, que não conseguia andar. Ela estava descalça; os pés inchados do menino estavam cheios de feridas sangrentas.

Quando o grupo não aceita a criança, por ser fruto de uma relação que não se encaixa no esquema de parentesco, a mãe yanomami sufoca-a ao nascer. Outros casos em que é praticado o infanticídio são defeitos físicos, gêmeos, excessiva proximidade entre uma criança e outra. Matando a segunda criança, a mãe yanomami garante a sobrevivência da primeira.

Eu ia de Guarulhos (SP) para São Paulo. Prensada no corredor do ônibus, a mãe tentava proteger o menino cianótico. Os passageiros olhavam desgostados a Morte na cara: redondíssimos olhos perdidos nas órbitas, moleira baixa, pele amarela. Na parada de ônibus, na altura do hospital, a mãe enfrentou uma dura luta para conseguir descer. O pai deste menino não tem carro. Os parentes e amigos deste menino não têm carro. Nem uma ambulância disponível para este menino.

Quando Xaahemé percebeu que a filhinha estava respirando mal, preocupada falou com seu irmão. Ligeiro, ele saiu rumo à maloca vizinha. Pouco mais de duas horas depois, voltava acompanhado por Opomoxi, velho e renomado xamã. Logo começou a cura xamânica, enquanto na maloca as atividades se desenrolavam no ritmo habitual. Ninguém olhava para o xamã e sua pequena paciente; todo

mundo, porém, ficou alerta, acompanhando a cura com ouvido atento, compartilhando da preocupação da mãe e da fé do xamã.

Em Guarulhos hospedei-me numa casa de irmãs. As irmãs mantinham um jardim de infância. Os meninos do jardim de infância só sabiam gritar. Quando meu ouvido e minha alma começavam a sangrar, eu fugia atrás da discríção. A televisão ficava ligada dia e noite, rádio e som alto, e os meninos gritavam para ser ouvidos. Os adultos falam e falam: e os meninos gritam na tentativa de ser ouvidos. Enquanto televisão e adultos continuam vomitando palavras, os meninos aprendem a gritar.

Missão Catrimani: quantas horas vividas na pequena e bem equipada secretaria! Radiofonia, biblioteca, arquivo! As vezes, uns imperceptíveis movimentos chamavam minha atenção. E olhava pela janela telada: os jovens guerreiros, armados de arcos e flechas proporcionais ao próprio tamanho, andavam ao redor, em pontas de pé, retendo o fôlego para os bichinhos não alertar; com olhos e ouvidos atentos procuravam pássaros e lagartos; com olhares e sinais, comunicavam entre si. No silêncio da mata que fala, brincando eles aprendem a caçar. No silêncio da mata que fala, escutando eles aprendem a viver.

Tinha acabado de levantar e percorria uma avenida no coração da cidade de São Paulo. A mocinha, enrolada num cobertor, sujo, estava deitada num colchão sujo, jogado na calçada, na frente de uma loja ainda fechada. Seus profundos olhos, cheios de vazio, entraram em mim: questionaram por que meu colchão e meu cobertor estavam limpos e por que eu dormia dentro de uma casa.

A vagina de Perata Wakathautheri sangrou pela primeira vez. Rapidamente foi construído um abrigo dentro da maloca, perto da área reservada à



Perata Wakathautheri: isolou-se menina, descobriu-se mulher

sua família extensa. Só saiu do abrigo após a segunda menstruação e, nesta temporada, não conversou mais com ninguém: só escutou a comunidade dizer. Entrou menina; quando saiu do abrigo, no rosto magro e pálido brilhavam olhos de mulher.

Não foi em Calcutá, não, foi em São Paulo. Passei umas vezes por aquela rua e ele ali, sentado no chão. Um pesado e escuro capote do qual saía uma cabeça de velho esquelético, uma mão segurando um saquinho plástico com algo para comer, um olho-de-mijo. Nada mais, nem uma madre Teresa por perto.

Porako é o mais velho dos Wakathautheri, é pai de uma só filha natural e de muitos filhos adquiridos. A mulher alimenta a fogueira. As filhas oferecem os produtos da coleta. Os genros trabalham na roça dele e caçam para ele. Ele, que quase não anda mais, deitado na rede, não os netos.

"Tá bom, loro; tá bom, loro; tá bom, loro". Hora após hora, um dia atrás do outro, um grito estridente após o outro, o papagaio "civilizado" já aprendeu a falar e a paciência da gente a inchar.

Na maloca dos Xeke-reikyetheri, os papagaios "primitivos" de estimação só com suas cores incríveis chamam minha atenção.

Tecnologia do mundo ocidental: telha de alumínio, armadores de ferro, homens como máquinas. A chuva grossa cai e bate contra as telhas, produzindo um barulho violento, que não deixa repousar. A

rede balança e o armador de ferro, com seu ruído estridente, não deixa repousar. Os homens, que já são máquinas, com estes barulhos nem se incomodam mais, e minha exigência de silêncio não sabem entender e tampouco respeitar.

Maloca yanomami do mundo primordial: a chuva grossa cai e, imperceptível, bate contra o teto de folhas de ubim, para o sono conciliar. A rede balança e a corda de curauá, sem ruídos, esfrega contra o pau, para o sono conciliar. Entre os Yanomami, homens ainda, meu mundo de máquinas posso esquecer e minha exigência de silêncio, em plenitude, posso viver.

O circo chegou a Boa Vista e fui vê-lo. A grande tenda: seqüência de paus, teto, praça central para a ilusão representar. Os artistas, pintados e enfeitados, entraram correndo, gritando animados, e deram umas voltas no pátio central. Entre uma exibição e outra, houve uma homenagem aos Etruscos, antiga civilização destruída no choque com a violência de outras civilizações.

Soube que na Amazônia havia Yanomami e vim à Amazônia. A grande maloca: seqüência de paus, teto, praça central para a VIDA representar. Os hóspedes, pintados e enfeitados, entraram correndo, gritando animados, e deram umas voltas no pátio central. Yanomami, entre uma agressão e outra, o violento branco civilizado com sua vida e cultura está querendo acabar! O dia em que o objetivo alcançar, ainda por cima de tudo, com sua cara de pau, embaixo de uma tenda de circo, sua primitiva civilização destruída vai querer homenagear.